

REAIS PERSPECTIVAS DE UMA TRANSFORMAÇÃO EM DEFINITIVO

RECONDUZIDO À DIRETORIA DO DEAGRO E À PRESIDÊNCIA DA ABCC, **ITAMAR DE PAIVA ROCHA** ACREDITA EM UMA CARCINICULTURA BRASILEIRA CADA VEZ MAIS FORTE E RELEVANTE

JOÃO PAULO MONTEIRO, DA REDAÇÃO
joao@ciasullieditores.com.br

Arcinicultura marinha é formada majoritariamente por micros (60%), pequenos (15%) e médios (20%) produtores. Os dados são da ABCC.

Deste modo, o associativismo desempenha um papel fundamental, tanto para a defesa dos interesses coletivos – envolvendo a disseminação de conhecimentos, como a aplicação de Boas Práticas de Manejo e Medidas de Biossegurança –, como na comercialização do produto, dentro e fora do País.

O Deagro, o Departamento do Agronegócio da Fiesp, é mais uma força em prol de uma atividade cada vez mais forte. Na verdade, do agro como um todo. Dentro dos objetivos da entidade estão a discussão, elaboração, encaminhamento e o acompanhamento das tramitações das principais demandas dos diversos setores.

E, dentro do Deagro, Itamar de Paiva Rocha assina como diretor da Divisão da Cadeia Produtiva da Pesca e da Aquicultura, em representação da ABCC. “O foco das nossas ações é defender o camarão marinho cultivado, envolvendo seu desenvolvimento e a defesa dos seus interesses”, inicia e continua: “Como engenheiro de Pesca (primeira turma do Brasil, em 1974), mantenho uma visão holística, assim, estamos sempre do lado da piscicultura e do setor pesqueiro de uma maneira geral”.

Reconduzido ao posto, Itamar já soma uma década de trabalho junto ao Deagro. “Nós da ABCC nos sentimos honrados por mais essa deferência do presidente Paulo Skaf. É uma oportunidade de continuar con-

tribuindo para o fortalecimento do setor”.

O atual objetivo, conta Itamar, é a recuperação setorial: “E, assim, retornar o destaque devido ao camarão cultivado do Brasil no mercado internacional, como já tivemos”.

Para entender a situação, basta apresentar alguns números: em 2003 o Brasil exportou mais de 58 mil toneladas; em 2019, não houve embarques. Já o Equador elevou seus envios de também 58 mil

t em 2003 para acima de 635 mil t no último ano. Itamar lembra ainda que o Brasil já ocupou o primeiro lugar das importações dos EUA de camarão pequeno médio em 2003 e de camarão tropical da UE em 2004. “Simplesmente deixamos de participar desses mercados estratégicos”.

Assim, os próximos passos estão traçados: “Lutaremos por um maior incentivo para o aumento da produção, com linhas de financiamentos e licenciamentos ambientais, notadamente para os micros e pequenos carcinicultores, visando atender a demanda interna e retornar ao promissor e expressivo mercado internacional”.

Neste sentido, o “sagrado” controle sanitário será prioridade. “O princípio da precaução deve receber uma maior atenção, pois nem preços altos ou falta de produtos justificam importações que representem riscos potenciais de uma possível contaminação da biodiversidade brasileira”, explica Itamar.

Detentor de condições edafoclimáticas “excepcionais” e diversas vantagens competitivas, como as espécies de peixes de água doce, produção de grãos relevante e localização geográfica privilegiada, o Brasil tem tudo para assumir a liderança mundial do setor, acredita Itamar. “E com reais perspectivas de transformar em definitivo a nossa economia primária”, acrescenta.

Isso porque, no mercado de carnes em geral, o Brasil é responsável por 31% das exportações (o que representa 46 bilhões de dólares); enquanto no setor de pescado, o País responde apenas por 0,15% do total de 163 bilhões de dólares. Ainda há muito a evoluir. ■



ALÉM DO DEAGRO E ABCC, **ITAMAR ROCHA** FOI TAMBÉM PRESIDENTE DO CAPÍTULO LATINOAMERICANO DA SOCIEDADE MUNDIAL DE AQUICULTURA (WAS, NA SIGLA EM INGLÊS); E DIRETOR DA ALIANÇA GLOBAL DE AQUICULTURA (GAA, EM INGLÊS)